

O MONOTEÍSMO E A INTOLERÂNCIA PARA COM OS ESTRANGEIROS

Ademir Rubini

Resumo

A implantação do monoteísmo em Israel foi um processo lento e gradativo. Na sua origem esteve presente a marca do pluralismo religioso e étnico. Embora a narrativa bíblica dê margem para entender que este povo se formou a partir de uma única experiência, a exodal, as pesquisas mais recentes levantam outras possibilidades. Do ponto de vista histórico, as coisas não foram tão uniformes assim. A partir de uma perspectiva mais plural temos a possibilidade de perceber que a diversidade religiosa era muito comum. Somente depois de um longo processo, principalmente, do final da monarquia em Israel e a partir do exílio da Babilônia, é que o monoteísmo se consolidou definitivamente. Isso do ponto de vista oficial. Um dos grupos que mais sofreram as consequências foi o dos estrangeiros, principalmente, as mulheres. No entanto, não faltaram resistências.

Palavras-chave: *Monoteísmo. Pluralismo. Estrangeiro. Judaísmo.*

Abstract

The beginning of monotheism in Israel followed a slow path and underwent a gradual process. In its origin one detects signs of religious and ethnical pluralism. Although the biblical narrative allows some margin for understanding the origin of this people from a unique experience, that is the event of the Exodus from Egypt, however the recent research provide us with quite a few more possibilities. From the historical perspective, the determining factors were less than consistent and uniform. From a pluralistic standpoint we are enabled to perceive the fact that religious diversity was indeed quite common. It is only after a long process and especially after the fall of the monarchy in Israel and starting from the end of the Babylonian exile it is possible to affirm that monotheism was definitely established in Israel. Of course this is the official point of view. Among of the groups which had to undergo dire consequences were the foreigners and specially the women. Nonetheless, some resistance was to be expected as well.

Keywords: *Monotheism. Pluralism. Stranger. Judaism.*

O monoteísmo não foi o ponto de partida da formação do povo de Israel. Esta concepção surgiu, de forma mais clara e incisiva, somente a partir da crise provocada pelo exílio da Babilônia. Diversos estágios foram sendo vividos antes disso pelo povo, passando do pluralismo religioso para a monolatria, até chegar ao monoteísmo. Hoje se percebe que há diversas hipóteses plausíveis que buscam entender e desvendar como de fato deu-se a organização e formação do povo de Israel. Como povo coeso, Israel existiu somente a partir da sua organização na Palestina, principalmente, no tempo da monarquia. Foi uma longa caminhada até chegar a este ponto.

A organização tribal e a consciência de coesão de povo foram aos poucos dando origem ao povo de Israel. Há uma pré-história, com diversas tradições, que serviu de suporte para formar o povo enquanto tal. “Do conjunto da tradição podem-se extrair três grandes temas em torno dos quais essas tradições giram e às quais se referem: os patriarcas, o êxodo do Egito e o estabelecimento da aliança junto ao monte de Deus no deserto”¹. Cada uma destas tradições carregava seus valores culturais, suas concepções de Deus, de ser humano e de mundo. Isso sem mencionar outros grupos, como o povo autóctone ligado às cidades-estados cananeias.

O Antigo Testamento, segundo a maioria dos exegetas bíblicos, não é um livro de história, embora nele haja histórias verdadeiras. Porém, podemos observar diferentes tendências, por parte dos pesquisadores, ao considerarmos a história de Israel, relatada nos textos bíblicos. A tendência maximalista, segundo a qual tudo o que está relatado na Bíblia é verdade histórica. Inclusive há os que defendem que o dilúvio aconteceu de fato. Por outro lado, temos os minimalistas, para os quais o Antigo Testamento não tem sequer memória histórica. É um escrito tardio, do tempo do exílio babilônico e do pós-exílio, que reflete as ideias dos escritores e não tem memória histórica do passado. É um texto de teologia. Uma terceira postura busca ser intermediária, considerando que certas coisas são impossíveis de descartar, pois não cabem dentro de nenhuma ideologia. Por exemplo, a existência de Moisés e o fato de ter um nome egípcio.

Levando em conta que uma visão intermediária parece ser a mais plausível, para chegarmos a uma melhor compreensão de como Israel se constituiu como povo, é necessário considerar as raízes históricas do povo, com suas diferentes tradições. Ao mesmo tempo, precisamos ter em mente que as releituras, ao longo da caminhada do povo, em diversos momentos da sua história, não tiveram uma preocupação histórica, em primeiro lugar. Neste sentido, a Bíblia não é um livro de história. É mais do que isso. Ela é fruto de diversas interpretações da história, à luz da fé. Por isso, é muito mais um livro de teologia ou teologias, que busca perceber a caminhada do povo com Deus e de Deus com seu povo. As sagas

1. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2006. 2 v., p. 83.

etiológicas são características disso. Através do relato de histórias há objetivo de transmitir a história, que está nas entrelinhas².

Voltando ao pensamento da diversidade de tradições que deram origem ao povo de Israel, podemos visualizar quatro principais grupos que contribuíram neste sentido. Temos o grupo dos patriarcas, ligados ao fenômeno do pastoreio; o grupo do Sinai, de onde provavelmente veio a tradição de Deus Javé; o grupo de Moisés, ligado ao êxodo do Egito e os grupos autóctones, principalmente, caracterizados como *hapirus*. A seguir, abordaremos brevemente cada um destes grupos, refletindo alguns elementos característicos de cada grupo, no intuito de percebermos a diversidade, principalmente, religiosa, presente nas raízes da formação do povo de Israel.

a) Grupos patriarcais: eram nômades, com vida instável nas periferias das cidades-estados cananeias. “Os patriarcas não eram cidadãos. Igualmente não se encontram entre os camponeses [...]. Eles ocupam os espaços entre os territórios das cidades-estados”³. Esporadicamente praticavam a agricultura. O normal era o pastoreio (Gn 13). O poço era importante por causa dos rebanhos (Gn 26). Viviam em tendas e não tinham bens imóveis. Havia dois fenômenos entre estes grupos: a transumância e a transmigração. A transumância era uma espécie de seminomadismo, seguindo o ciclo das estações do ano, de acordo com as chuvas. Na época das chuvas, normalmente, a partir de outubro, as montanhas ficavam cobertas de grama. Os pastores levavam seus rebanhos para essas estepes. Depois de abril/maio, após a colheita, o rebanho descia para comer os restolhos e, ao mesmo tempo, adubava a terra com o esterco. Era certa concordância entre pastores e agricultores para ocupar os espaços. A transmigração, por sua vez, envolvia trajetos maiores, decorrentes de flagelos climáticos ou catástrofes políticas.

Na tradição patriarcal, a sociedade girava em torno da família (clã). Um clã era formado, provavelmente, por três a quatro gerações (Ex 20,5). “Seu Deus é *'El*. Este atua na família, em favor dela e dos mais frágeis (escravos e crianças). Tem forte ligação com o pai da casa, sendo inclusive o seu Deus. Vai com o grupo”⁴. O Deus dos pais era, portanto, um Deus pessoal. Não estava vinculado a um lugar. A religião era familiar e o culto ligava-se ao seu cotidiano.

b) O grupo de Moisés: O testemunho bíblico diz que o povo de Israel surgiu no Egito. Isso não é uma realidade histórica. A intenção principal, ao afirmar isso, é de ordem teológica e simbólica. A convicção é de que a experiên-

2. DONNER, 2006, p. 85.

3. SCHWANTES, Milton. *História de Israel – local e origens*. Série exegese, Vol. 7, fas. 1. São Leopoldo, 1984, p. 86.

4. SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. 2. ed. ampliada São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 13.

cia desse grupo foi tão marcante que se tornou referência para todos. Os outros grupos adotaram essa mesma confissão como sua: “Nós estivemos no Egito” (Dt 6,21). A saída do Egito é fato fundante na formação do povo de Deus. “Na síntese da fé israelita cabe ao êxodo o lugar privilegiado” (Dt 6,20-24; 26,5-10)⁵. Podemos afirmar que ela se tornou um paradigma teológico para a fé do povo de Israel. O grupo de Moisés, provavelmente, não era tão grande como diz a Bíblia: seiscientos mil homens, sem contar suas famílias (Ex 12,37). Esse dado é simbólico, colocado como sinal de que Deus estava abençoando o povo. Descendência era sinônimo de bênção. Historicamente, parece que Javé não estava vinculado diretamente ao êxodo. Essa é uma leitura posterior. Nos capítulos 1 e 2 do Êxodo não há menção do nome de Javé. Este aparece somente a partir do capítulo 3. Isso revela que Javé não era um Deus cultuado no Egito, mas, provavelmente, na região de Madiã.

c) Grupo do Sinai: É difícil de precisar a localização do Sinai. Há diversas possibilidades. Uma delas é ao sul da península do Sinai, segundo uma tradição do século IV, a partir da peregrinação de Etéria⁶. A maioria dos mapas traz este lugar. Mas, o que há ali é uma cordilheira, sendo difícil dizer se o monte escolhido é o verdadeiro. Além disso, há outras possibilidades de sua localização, como ao leste do Golfo de Ácaba, uma região vulcânica. Ex 19,18 fala de fenômenos vulcânicos. Era a terra dos madianitas (Ex 3,18). Esta teoria nunca foi muito defendida pelos biblistas. Está muito longe do lugar do êxodo. Há uma forte tendência de localizar o Sinai ao sul do Mar Morto, na região dos edomitas (Jz 5,4s; Dt 33,2; Sl 68). Dele, provavelmente, veio a tradição de Deus Javé e seu culto. Hoje se questiona se este grupo tenha ou não vínculo com Moisés. A associação entre êxodo e Sinai é um fenômeno tardio. O culto a Javé é pré e extraisraelita. “O Deus do Sinai é Javé, porque assim o sabemos por uma inscrição egípcia e podemos ler em Jz 5. Este Javé, nesse momento histórico, nos aparece como Deus de um lugar, uma montanha”⁷.

d) Grupo autóctone – os hapirus: Formado por pessoas que viviam à margem da sociedade cananea, segundo os critérios das cidades-estados. Hapiru não é um termo que indica uma etnia, mas tem um cunho mais sociológico. Eram fugitivos do esquema das cidades cananeias. Por vezes trabalhavam como diaristas ou até servindo temporariamente ao exército de alguma cidade-estado.

5. SCHWANTES, 1984, p. 108.

6. Não se sabe, ao certo, quem foi Etéria. Alguns afirmam ser irmã de Aelia Flacilla, primeira esposa do Imperador romano Teodósio. Outros dizem que poderia ter sido uma monja. O que parece mais claro é que foi uma escritora que relatou suas diversas viagens realizadas em lugares próximos da Terra Santa, inclusive, o Sinai. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Egeria_\(escritora\)#Vida](http://pt.wikipedia.org/wiki/Egeria_(escritora)#Vida) – Acesso em: 16 de julho de 2012.

7. SCHWANTES, 2008, p. 14.

Além desses quatro grupos referidos acima, é importante levar em conta que certamente muitos camponeses cananeus passaram a fazer parte do povo de Israel. Cansados da opressão imposta pelos reis das cidades-estados, buscaram junto a esses grupos uma nova alternativa de organização social. O vazio de impérios, no final da era do bronze, bem como as novas técnicas oferecidas para o cultivo da agricultura, ofereceram novas possibilidades aos oprimidos.

A partir da existência desses diferentes grupos, temos a indicação de que nas raízes da história de Israel não há apenas uma experiência religiosa ou a crença de um único Deus, desde o início. A diversidade tem sido a grande marca daqueles que, num determinado momento da história, se uniram para formar um novo povo. Em torno do ano 1200 aC, desde o início da era do ferro, os faraós perderam o controle de Canaã. O novo material, o ferro, possibilitou a transformação das montanhas em roça. Também contribuiu a nova técnica de revestimento de cisternas com uma massa à base de cal, para o armazenamento da água. “Na montanha ocorre uma integração entre estes grupos tão diferentes, entre cananeus e seminômades, entre trabalhadores do Egito e gente do Sinai. Têm coisas em comum: todos vêm de um êxodo, fugindo da opressão”⁸. A grande luta não é racial nem ideológica, mas social. A integração destes diversos grupos tinha como objetivo principal uma questão muito concreta: a busca de condições para sua sobrevivência, em meio a uma longa história de profunda opressão.

Retomemos agora as diversas correntes, da pesquisa bíblica, que interpretam de diferentes modos a formação do povo de Israel. Uma delas, um tanto fundamentalista, considera a formação do povo de Israel literalmente como se encontra no livro de Josué. É uma postura maximalista, segundo a qual o povo de Israel ocupou Canaã militarmente. É o modelo de conquista, defendida, principalmente, por Albright, da escola americana de pesquisa arqueológica.

Outra teoria da formação de Israel é a da imigração ou infiltração pacífica. Esta teoria foi defendida, principalmente, pelo pesquisador Albrecht Alt, da escola alemã. Os patriarcas, através do fenômeno da transumância e da transmigração, bem como outros grupos, foram ocupando os vazios populacionais: montanhas, vales, etc. Foi um processo lento e pacífico de sedentarização e mudança da economia.

Uma terceira teoria, defendida por George Mendenhall e Norman K. Gottwald, é a da revolução camponesa. O maior contingente populacional que contribuiu na formação do povo era autóctone. O grupo que veio de fora foi minoritário. Foi uma evolução, a partir de pequenas experiências, até a tomada das cidades-estados, que desembocou num processo de retribalização⁹.

Além dessas, há outras teorias que vão surgindo, a partir das pesquisas realizadas. Não vem ao caso de especificarmos aqui. Nosso interesse é mostrar que

8. SCHWANTES, 2008, p. 14.

9. DONNER, 2006, p.144-146.

a questão é muito complexa. Em cada uma das teorias há pontos fortes e fracos. Hoje, o modelo da instalação pacífica parece ser a mais aceita, por ter mais lastro bíblico, permitindo incluir o grupo do êxodo, bem como dos hapirus. O que podemos concluir mais claramente é que Israel não era uma única etnia. A sua formação teve, como ponto de partida, outros critérios, que vão além do religioso ou da crença numa determinada divindade. Na tradição que veio dos patriarcas, por exemplo, “não existe só um deus dos pais, mas vários deuses dos pais”¹⁰.

A passagem para a monolatria

Como vimos acima, o povo de Israel se formou a partir da integração de diversos grupos, cada qual com suas características e elementos culturais próprios. Inclusive havia uma diversidade religiosa, com a manifestação de culto a diferentes divindades. Por um longo período, mesmo no período da monarquia, esta característica foi muito comum. As diversas tradições, mesmo com suas diferenças, se mantiveram por um bom tempo convivendo, de certa forma, pacificamente. Podemos afirmar que havia uma base estrutural politeísta na religião de Israel. Era comum a existência de uma prática religiosa em níveis diferentes. Mesmo que no plano político coletivo houvesse uma divindade comum, no plano familiar prestava-se culto a outra divindade específica de cada grupo ou clã. Com a formação do Estado em Israel, Javé assumiu o papel do deus estatal. “Neste processo, os deuses locais provavelmente nem foram afetados, ou só o foram em parte, mesmo que a literatura do AT tenha a tendência de apresentar as coisas como se a relação Javé-Israel tenha sido, desde o começo, clara e exclusiva”¹¹. Este pluralismo religioso passou por um processo de mudança, principalmente, no tempo do rei Josias (640-609). Este fez uma grande reforma religiosa (2Rs 22–23).

No ano 622 aC o Templo de Jerusalém estava passando por uma vasta reforma. Muitos carpinteiros, construtores e pedreiros ocupavam-se na sua restauração. Num dia desses, o sumo sacerdote Helcias, segundo nos diz o texto bíblico, encontrou o livro da Lei no Templo. Safã, secretário do rei Josias, levou o livro ao rei e o leu diante dele. Josias ficou impressionado com o conteúdo do livro. Ordenou que o sumo sacerdote Helcias, juntamente com um grupo de pessoas, consultasse a profetiza Hulda sobre o livro encontrado. Depois de ouvir o relato da questão, Hulda enviou uma mensagem ao rei, dizendo que estava prestes para acontecer uma desgraça sobre o povo. O motivo da desgraça era claro: o povo havia abandonado Javé e sacrificado a outros deuses.

Perante essa ameaça, o rei imediatamente mandou reunir os anciãos de Judá e de Jerusalém. Diante de todo o povo foi lido o conteúdo do livro da Aliança encontrado no Templo de Javé. A seguir foi realizada uma Aliança ante Javé,

10. DONNER, 2006, p. 91.

11. DONNER, 2006, p. 93.

obrigando todo o povo a guardar seus mandamentos, seus testemunhos e seus estatutos. O texto bíblico diz que todo o povo aderiu à Aliança. Iniciou-se uma grande reforma, começando pelo Templo, retirando dele todos os objetos oferecidos a Baal, para Aserá e para todo o exército do céu. Depois destituiu os falsos sacerdotes que ofereciam sacrifícios nos lugares altos a Baal, ao sol, à lua, às constelações e a todo o exército do céu. Eliminou o local onde ofereciam sacrifícios de crianças ao deus Moloc, destruiu os lugares altos construídos para oferecer sacrifícios para Astarte, para Camos e para Melcom. Demoliu também o altar que estava em Betel, edificado por Jeroboão e todos os templos nas cidades da Samaria. Por fim, eliminou também os necromantes, os adivinhos, os deuses domésticos e os ídolos em geral.

Não podemos medir com precisão o quanto esta reforma religiosa, feita pelo rei Josias, mudou a prática religiosa do povo da época, se o povo de fato abandonou o culto a seus deuses, em vista do culto a Javé. “Aceita-se hoje, quase unanimemente, que o livro da reforma constitua a base do Deuterônômio”¹². O interessante é aquilo que o texto bíblico evidencia, ou seja, havia uma estrutura religiosa fortemente politeísta no povo de Israel. Outra constatação é que este fenômeno é localizado no final da monarquia em Israel. Possivelmente seja sinal de que, pelo menos, até esse período a prática politeísta era muito comum. Havia, como mencionamos acima, diferentes níveis de expressões religiosas. Mesmo que Javé tivesse sido, desde o início da monarquia, a divindade oficial do Estado, não significava que em outros níveis, principalmente o familiar, não houvesse o culto a outras divindades.

Outro ponto a considerar é que no contexto da monarquia em Israel não havia ainda clareza da existência de um só Deus. Este passo foi dado somente a partir do exílio. Mesmo que a reforma religiosa de Josias tivesse sido a implantação de culto a Javé em todo o território de Israel, não significou ainda o reconhecimento da existência de um Deus único. O que ocorreu foi a tentativa de superação do politeísmo para a implantação da monolatria, fazendo com que o Deus estatal, Javé, fosse o único digno de receber culto. Além disso, é importante levar em conta que a reforma religiosa de Josias se deu num contexto político bem determinado: a crise da Assíria. “Vista dessa perspectiva, a eliminação dos locais e dos utensílios de culto assírios sob Josias foi um inequívoco ‘não’ à soberania assíria”¹³.

O movimento para estabelecer Javé como a única divindade legítima para ser cultuada pode ser considerada muito antiga em Israel. Caracterizado como o Deus da montanha, sua marca fundamental é não admitir outros deuses. Esta tradição, desde o tempo de Moisés, tem sido a bandeira de um grupo significativo. No século IX, no reino do Norte, Elias combateu o culto a Baal, em prol de Javé.

12. LANG, Bernhard. Só-Javé! Origem e forma do monoteísmo bíblico. In: GEFFRÉ, Claude; JOSSUA, Jean-Pierre (Coord.). O Monoteísmo. *Concilium*/197, Petrópolis: 1985, p. 45.

13. DONNER, 2006, p. 396.

Com Oseias, no século VIII, aconteceu a mesma coisa (Os 13,4). Além disso, o rei Ezequias, no reino do Sul (716-687) promoveu uma reforma do culto nesta perspectiva (2Rs 18,4).

A implantação do monoteísmo

Mesmo com o fim da monarquia não desapareceu o tradicional movimento que almejava tornar o culto a Javé como universal. Ao contrário, foi justamente a partir desse momento que se considerou ser de fundamental importância firmar esta prática. Os profetas Jeremias e Ezequiel, descendentes de famílias sacerdotais, reforçaram a ideia monolátrica no período do exílio. A crise provocada pelo exílio desenvolveu uma nova imagem de Javé, como criador e senhor do mundo. Contudo, quem deu o passo definitivo para o reconhecimento do monoteísmo foi Dêutero-Isaías (Is 43,10-13; 44,6-8; 45,5-6.21; 46,9). A necessidade do reconhecimento de um Deus único surgiu num momento crucial na história de Israel. “As tradições pluralistas de famílias, clãs e aldeias não teriam sido capazes de proporcionar o denominador comum dos desterrados e dos que permaneceram na pátria”¹⁴. Quando já não havia mais um Estado reconhecido, não tinha mais sentido a existência de um deus estatal, como era comum inclusive nas religiões politeístas. Isso foi decisivo para superar a crise vivida por Israel, com o fim da monarquia e o exílio. Reconhecer que Javé não era apenas um deus estatal, mas o Deus único e universal foi a saída para a crise.

O monoteísmo é, assim, uma reação a uma necessidade política quando nada mais se pode esperar da diplomacia ou da ajuda militar externa. Só há um salvador: o Deus único. A história do surgimento do monoteísmo é parte de uma história maior, isto é, da história da destruição de um pequeno Estado¹⁵.

Por um longo período, mais de quatrocentos anos, o povo de Israel teve como suporte político o regime monárquico. Apesar das dificuldades enfrentadas, o fato de constituir-se como um Estado garantia certa identidade nacional, inclusive religiosa. “A exigência de o povo cultuar exclusivamente a Javé foi o meio de manter unido o povo derrotado e disperso, de renovar-lhe a autoconfiança e a esperança por um futuro”¹⁶.

Monoteísmo *versus* estrangeiros

O desembocar do monoteísmo em Israel provocou diversas consequências na forma de organização social. Os capítulos 9 e 10 de Esdras retratam de forma

14. GERSTENBERGER, Erhard S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, Faculdades EST, 2007, p. 261.

15. LANG, 1985, p. 53.

16. GERSTENBERGER, 2007, p. 264.

contundente as consequências da intolerância religiosa. O longo processo que acabou na fixação do monoteísmo em Israel fez esquecer ou desconsiderar que, nas origens desse povo, era comum o pluralismo étnico e religioso. Que foi a integração de diversos grupos, cada qual com sua religiosidade popular própria, que fez surgir um novo povo, com uma organização social, política, religiosa e econômica diferente das cidades-estados cananeias. No momento em que Esdras e Neemias reorganizam o povo disperso em uma nova estrutura, o judaísmo, a pluralidade religiosa e étnica passou a ser uma ameaça à nova organização. Na compreensão de Esdras a identidade de Israel, como povo de Javé, exigia a separação de qualquer forma de impureza racial. Por isso, a decisão de expulsar do país todos os estrangeiros, principalmente, as mulheres (Esd 10,11s). Isso exigiu, inclusive, a dissolução dos matrimônios com estrangeiras.

No antigo Israel esses matrimônios não eram proibidos (Gn 41,45; 48,5s; Nm 12,1s; Rt 1,4; 2Sm 3,3). A suspensão veio a partir da teologia do Deuterônimo, para combater a idolatria (Dt 7,1-4). “Apesar de toda a continuidade com o Israel pré-exílico, esse novo Israel não mais pode ser medido com critérios antigos”¹⁷.

Quem deu o tom para a reconstrução do Templo e a reorganização do povo de Israel em torno da lei e da exclusividade de culto a Javé, formando o judaísmo, foram os repatriados. Com o apoio persa, se impuseram. “O Povo da Terra era miscigenado e sincretista, e isto não combinava com a catequese dos sacerdotes. [...] Transformaram o Deus de toda a Terra no Yahweh exclusivo do povo judaíta”¹⁸. A partir do século V aC pertencer ao “verdadeiro Israel” significou afirmar a exclusividade de Javé, seu sacerdócio masculino, sua residência oficial no Templo de Jerusalém¹⁹.

Porém, o estabelecimento deste princípio uniforme não significou unanimidade de adesão. Não faltaram movimentos de resistência. De forma criativa e sutil, a literatura sapiencial, principalmente, presente no livro de Rute, procura mostrar outra perspectiva. Rute era uma mulher estrangeira que se casou com um homem de Belém de Judá (Rt 1,4). Depois da morte de seu marido, Rute acompanhou sua sogra, Noemi, até Belém, e faz valer para ela a lei da respiga e do levirato, embora fosse estrangeira. Ela acabou se tornando a bisavó de Davi. Num contexto de exclusão aos estrangeiros, o exemplo de Rute traz diversos ensinamentos, como: a importância da resistência e da criatividade para encontrar

17. DONNER, 2006, p. 488.

18. MARIANO, Lília Dias. *Mulheres e crianças na contramão da exclusão – denúncias, protesto e resistências de estrangeiros/as no pós-exílio*. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Hermenêuticas Bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica, 2006, p. 168.

19. REIMER, Haroldo. A serpente e o monoteísmo. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Hermenêuticas Bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica, 2006, p. 117.

caminhos alternativos de sobrevivência; o preconceito pode ser transformado e, principalmente, defende que a acolhida precisa estar acima de critérios étnicos. “Todos esses aspectos fazem com que o livro de Rute seja um contraponto para com os anseios (não só) pós-exílicos de Israel de se distanciar de outros povos e de não se misturar com eles”²⁰. Embora a teologia pós-exílica considerasse os estrangeiros, principalmente as mulheres, uma ameaça religiosa, isso representava apenas um lado da moeda.

Bibliografia

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2006, v. 2, 535 p.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, Faculdades EST, 2007, 388 p.

KLEIN, Renate Andrea. “*Todas as pessoas são estrangeiras – em quase todos os lugares*”: aspectos da teologia pós-exílica nos exemplos de Rute e de Jonas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 196-212, dez. 2011.

LANG, Bernhard. *Só-Javé! Origem e forma do monoteísmo bíblico*. In: GEFFRÉ, Claude; JOSSUA, Jean-Pierre (Coord.). *O Monoteísmo*. *Concilium*/197, Petrópolis: 1985.

REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Herme-nêuticas Bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos, Goiânia: UCG, Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica, 2006, 252 p.

SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. 2. ed. ampliada São Leopoldo: Oikos, 2008, 92 p.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel – local e origens*. Série exegese, Vol. 7, faz. 1, São Leopoldo, 1984, 166 p.

Ademir Rubini
Rua São Pedro, 101
Bairro Vila Luiza
99072-720 Passo Fundo, RS
ademir_rubini@yahoo.com.br

20. KLEIN, Renate Andrea. “*Todas as pessoas são estrangeiras – em quase todos os lugares*”: aspectos da teologia pós-exílica nos exemplos de Rute e de Jonas. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 51, n. 2, dez. 2011, p.207.